

CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PELA LEITURA DA PALAVRA

Adriana J. Ribeiro Freitas

Ana Cristina Bornhausen Cardoso

Raquel Freitas Sampaio Ribeiro

Mestrandas do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Adriana J. Ribeiro Freitas é docente do SENAC, Ana Cristina Bornhausen Cardoso e Raquel Freitas Sampaio Ribeiro são professoras do Colégio Presbiteriano Mackenzie.

RESUMO

Partindo do conceito de identidade de Stuart Hall e Kanavillil Rajagopalan e da filosofia de Paulo Freire, neste ensaio procurou-se apresentar a importância do educador na construção da identidade do educando por meio da leitura da palavra e do mundo. Privilegiou-se a apropriação dessa identidade como forma de emancipar todo e qualquer cidadão que deseja ser agente construtor de sua própria história.

Palavras-chave: alfabetização emancipadora, identidade, leitura da palavra e do mundo.

Não sei como preparar o educador. Talvez que isto não seja nem necessário, nem possível ... É necessário acordá-lo.[...] Basta que o chamemos do seu sono, por um ato de amor e coragem. E talvez, acordados, repetirão o milagre da instauração de novos mundos.

Rubem Alves

A natureza humana é, sem dúvida, riquíssima em diversidade. A capacidade de pensar e, conseqüentemente, de criar traz ao homem uma identidade própria e única. O que possibilita a construção dessa identidade é o fato de cada indivíduo ser, antes de tudo, um ser social, que faz uso da linguagem para interagir com o meio que o cerca. A construção da identidade se baseia na construção lingüística, e é por meio dela que o homem se insere socialmente e adquire consciência de sua individualidade.

Segundo Coseriu (s/d, p.17), *a linguagem é um fenômeno multifacetado que permeia as demais manifestações do homem*, ou seja, no processo de construção da identidade, o

indivíduo vale-se da sua capacidade de se comunicar para, a partir dela, tecer suas convicções, crenças e sua história pessoal. A construção da identidade, como já citado, dá-se por meio da linguagem, e, desta forma, pode-se dizer que ela é (re)construída a todo momento. Rajagopalan (2004, p.41-42) diz que *as identidades da língua e do indivíduo têm implicações mútuas. Isso por sua vez significa que as identidades em questão estão sempre num estado de fluxo*. Sendo assim, percebe-se que a identidade só é possível quando o homem consegue ler a palavra e, por conseguinte, ler o mundo em que habita.

Não se pode descuidar do fato de que as escolhas das palavras para a construção do discurso, não são neutras; são permeadas por intenções, posicionamentos, convicções ideológicas, visões de mundo, enfim. Da mesma forma, não se pode esquecer de que, a todo instante, os indivíduos dialogam entre si, entrecruzam discursos que não necessariamente possuem o mesmo posicionamento. Pode-se, então, afirmar que a linguagem é também uma forma de confronto latente, uma arena de lutas e de conflitos.

Não há discurso desprovido de ideologia. Toda vez que o homem busca se comunicar, ele busca, na verdade, persuadir. Da constatação deste pensamento deduz-se o primeiro entrave do uso da palavra na construção da identidade. Se utilizada erradamente, em vez de possibilitar a criação do saber individual, a palavra pode levar ao aprisionamento do indivíduo, uma vez que mentes subjugadas não são direcionadas a pensar criticamente.

Outra questão que não deve ser descartada é o fato de que em toda comunidade existem “relações assimétricas de poder” (Freire, 1990, p.101) e a tendência natural é a perspectiva opressora visando à manutenção de um *status quo* que privilegia a classe dominante. Trata-se de um ponto bastante delicado, uma vez que aquele que ensina a leitura da palavra precisa estar consciente da sua função de ser também aquele que ensina a ler o mundo.

Ao se analisar esta situação, algumas questões tornam-se pertinentes: até que ponto aquele que ensina a leitura da palavra realmente abre as portas para uma leitura do mundo emancipadora? Será a sala de aula um ambiente que privilegia a construção de seres críticos e capazes de se posicionar individualmente? O educador assume, na prática, a tarefa de instigar mentes a descobrir o mundo por seus próprios olhos ou, simplesmente, reafirma uma cultura programada a construir mentes domesticadas?

A construção da identidade se dá inicialmente pelo reconhecimento de que o homem é um ser condicionado social e historicamente e, como tal, pode e deve interferir na realidade

que o cerca. Em outras palavras, o homem transforma a realidade e, ao mesmo tempo, é transformado por ela.

Isto só se torna possível quando, na formação dessa identidade, parte-se do conhecimento de mundo que o indivíduo já possui. Reconstrói-se, por meio da língua, a própria história do sujeito e de sua cultura, privilegiando o saber individual, patrimônio pessoal a ser preservado. É preciso interpretar essas infinitas relações entre língua, palavra, mundo e indivíduo para entender-se o sentido dinâmico e complexo deste processo, voltando-se ao conceito inicial de que a língua é um fenômeno multifacetado.

Outro aspecto, que não deve ser negligenciado, é o conceito de que uma língua tem significação geopolítica, representando uma determinada comunidade, conferindo-lhe identidade. No entanto, num exame mais cuidadoso, também se observa “que a maior parte dos seres humanos pertence a comunidades lingüisticamente pluralistas” (PANDIT, 1975, p.177) - o que significa dizer que essas comunidades possuem um caráter plural e multifacetado, fazendo com que não seja tão simples, muito menos óbvia, a construção dessa identidade. Recebem-se influências de todos os lados, e quanto mais cosmopolita e instruído for o cidadão, a construção de sua identidade será infinitamente diversificada e impregnada de outras vozes, de outras formas de perceber o mundo. O que se busca, na realidade, é o encontro da identidade na plenitude da autenticidade. Confirmando esta idéia, Hall defende que

... as identidades nunca são unificadas; que são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas nunca são singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que se cruzam e até podem ser antagônicas. As identidades estão sujeitas a uma historicidade radical, constantemente em processo de mudança e transformação. (Hall, 2000, p.37)

A importância da conscientização desse processo de construção de identidade também passa pela capacitação de educadores, pelo redirecionamento de uma política cultural e pelo resgate da instituição escola, que vê seu papel adulterado frente à sociedade capitalista moderna.

Não há como dissociar educação de um ato político, uma vez que o homem é um ser político. E é desse intrincado jogo de poder que surge o desejo de transformação. Deve-se considerar o ensino como um contínuo processo reflexivo, possibilitando ao aluno o desenvolvimento e o aprofundamento de suas habilidades cognitivas, afetivas e sociais. O indivíduo que se reconhece nesse processo é capaz de interferir em seu mundo e, ao fazer isso,

faz política. Suas palavras tornam-se instrumentos de ação, ganham força, uma vez que capacitam o homem a construir sua própria realidade e o fazem transitar de uma condição de objeto a uma condição de sujeito construtor de seu mundo. Além de construir sua própria realidade, o homem, na condição de sujeito, interfere na realidade social em que está inserido. Interfere porque seu papel passa de mero espectador (objeto) a um indivíduo que pensa, reflete e age (sujeito). É a esse processo que Paulo Freire chama de “alfabetização” e o mesmo autor afirma que “uma pessoa é alfabetizada na medida em que seja capaz de usar a língua para a reconstrução social e política” (Freire, 1990, p.107).

Alfabetizar não se restringe, portanto, somente ao ato de ensinar a ler e a escrever, mas também e principalmente, ao ato de instrumentalizar o indivíduo para o exercício da cidadania. Neste contexto, pode-se afirmar que há um salto qualitativo tanto para aquele que ensina, quanto para aquele que aprende. Desta maneira, Freire destaca o papel do educador como instrumento decisivo no ato de alfabetizar, no ato de conduzir à reflexão do mundo em que se vive e de si mesmo. Nesta dinâmica, o educador está intrinsecamente responsabilizado pela alfabetização emancipadora, que liberta o indivíduo da alienação que o modelo cultural do dominador impõe, sem muitas chances de questionamento. O educador precisa estar ciente de que a sua verdade não é necessariamente a verdade de seu educando. É preciso respeitar o livre-arbítrio; algo fácil de compreender, porém difícil de praticar.

A alfabetização emancipadora implica no ato de dialogar, de interagir, de respeitar a identidade de um grupo e de cada indivíduo em si. Este respeito mútuo pode ser considerado como um verdadeiro processo de comunicação, em que ambas as partes interagem de maneira recíproca. Aquele que conduz a essa alfabetização também é alfabetizado no momento em que se assume na posição de “sujeito inacabado”. A alfabetização emancipadora só se torna realmente possível quando tanto quem aprende quanto quem ensina têm consciência do seu contínuo processo de aprendizagem, ou seja, ambos reconhecem-se como seres inconclusos.

Sobre a questão do “inacabamento”, em *Cartas a Guiné-Bissau – registros de uma experiência em processo*, Freire afirma que,

[...] se toda dicotomia entre ensinar e aprender, de que resulta que quem ensina se recusa a aprender com aquele ou aquela a quem ensina, envolve uma ideologia dominadora, em certos casos, quem é chamado a ensinar algo deve aprender primeiro para, em seguida, começando a ensinar, continuar aprendendo. (FREIRE, 1984, p. 16)

A tese “quem ensina deve também estar aberto a aprender”, leva à base do esquema de comunicação, em que só ocorre a verdadeira troca quando os envolvidos no processo estão abertos a falar e a ouvir; abertos a interagir. Então, a palavra é a grande arma humana na construção de sua identidade. É interessante observar que, apesar de ter consciência dessa dinâmica comunicativa, o homem continua se comunicando mal, usando inadequadamente as palavras e interagindo superficialmente com sua comunidade.

Essa superficialidade se explica, parcialmente, pelo fato de não ser fácil ao homem se assumir sozinho afinal, todo indivíduo tem a necessidade de *pertencer*, de ser aceito por um grupo social que o respalde e o aceite. Como ser social, ele precisa da aceitação daqueles que o rodeiam; no entanto, muitas vezes, deixar-se levar pelo que é difundido por uma sociedade dominante como certo, é mais fácil do que precisar tomar partido e, deste modo, por vezes, o indivíduo precisa agir contrariamente ao que é pregado.

Esse clima de superficialidade e de não comprometimento, que parece estar entranhado nos valores do homem pós-moderno, é o que Paulo Freire denomina de “pasteurização ideológica”, pois anula a assunção de responsabilidades e legitima o pouco envolvimento do homem com suas crenças e valores éticos. Paga-se um preço altíssimo com essa atitude, pois a pseudo atmosfera de facilidade não favorece a emancipação de “mentes colonizadas”. Como bem coloca Rubem Alves em seu texto “Sobre jequitibás e eucaliptos”, fica a reflexão sobre *aquilo que poderíamos ser se não tivéssemos sido domesticados* (Alves, 1981, p.17) assim como fica a inquietante sensação de que nos deixamos domesticar com excessiva facilidade!

Inverter essa situação constitui um grande desafio para educadores comprometidos em minimizar as desigualdades sociais. *Vem refletir comigo, vem me ajudar a indagar* - com este simples mote, Lya Luft (2004, p.15) parece clarear o ideário do educador, que, por meio da democratização da educação, busca incluir todo e qualquer indivíduo com suas singularidades e diferenças no processo de aprendizagem e conseqüentemente na sociedade, na medida em que a escola pode ser entendida como um microcosmos desta. Entender o caráter plural do ser humano e o fato de que se é transição e processo, por mais desestabilizador que seja, permite que se passe da condição de servo para senhor; e não de senhor do outro, mas sim, de protagonista de sua própria história. É nessa perspectiva que a educação deve ser repensada: o fluxo de conhecimento serve para desenvolver e não para limitar. Ao limitar, abrem-se as portas para a perda de identidade. Paulo Freire (1990, p.75) afirma que *os educadores precisam utilizar o universo cultural de seus alunos como ponto de partida, fazendo com que*

eles sejam capazes de reconhecer-se como possuidores de uma identidade cultural específica e importante. Ao utilizar o universo cultural dos alunos para praticar a alfabetização emancipadora, o educador desenvolve no educando o respeito mútuo, a auto-estima e a valorização da sua realidade, do mundo que ele conhece.

As palavras empregadas em uma determinada comunidade revestem-se de um significado e um sentido específico para este grupo e o educador não pode descuidar disto. Quanto mais ele entender, refletir e respeitar estas diferenças, maior será sua flexibilidade em compreender o meio no qual estes indivíduos estão inseridos e em perceber sua realidade. Não se pode perder de vista que as palavras são orientadas socialmente e se caracterizam pela pluralidade de sentidos, pois representam as diferentes formas de significar a realidade, segundo vozes e pontos de vista, conforme a ideologia daqueles que delas se servem. Conforme Bakhtin,

a palavra é o modo mais puro e sensível de relação social [...] A comunicação na vida cotidiana [...] está diretamente vinculada aos processos de produção e, por outro lado, diz respeito às esferas das diversas ideologias especializadas e formalizadas [...] É preciso fazer uma análise profunda e aguda da palavra como signo social para compreender seu funcionamento como elemento essencial que acompanha toda a criação ideológica, seja ela qual for... (BAKHTIN, 2004, p.36-37).

Quando o indivíduo adquire a consciência destas ideologias, inicia-se o processo de compreensão do mundo e de si mesmo. O papel da alfabetização emancipadora é, necessariamente, o de conduzir o indivíduo da compreensão ingênua do mundo para um nível superior: a compreensão crítica do mundo.

Segundo Paulo Freire, existem alguns valores que são universais e que devem ser discutidos e analisados no processo de alfabetização, no processo de ler o mundo e de entender sua realidade. O sujeito construtor do mundo deve ser conduzido a refletir sempre sobre valores como solidariedade, responsabilidade social e justiça. É por meio da reflexão sobre estes valores que o indivíduo poderá analisar a si mesmo e à realidade na qual se insere e, conseqüentemente, poderá analisar e construir sua própria identidade.

Neste momento, o educador que faz uso da alfabetização emancipadora coloca seu discurso em prática, pois cumpre com seu papel de libertador - aquele que mostra o caminho para a libertação da ignorância, do comodismo, do medo de mudanças, do “estado mágico” em que seu educando se encontrava. Isto significa construir a identidade - um processo bastante complexo -, pois sua base se encontra na individualidade, ou seja, no reconhecimento de que cada ser é único - e é capaz de escrever sua própria história - e tem uma referência

própria, possibilitando a construção de seu próprio discurso. Ao construir seu próprio discurso, esse indivíduo age e, assim, apropria-se da sua identidade/individualidade, assumindo-a socialmente, uma vez que o discurso é a base das relações humanas.

O que se observa é que o processo da alfabetização emancipadora entra sempre em choque com o processo de alfabetização das esferas dominantes, pois, além de alienador, é o que desenvolve uma cultura puramente mecanicista, na qual o indivíduo é considerado um mero objeto de reprodução e nunca um agente transformador ou criador de sua própria cultura ou da cultura social da qual faz parte. Ajudar um educando a construir uma identidade própria é levá-lo a se comprometer consigo mesmo e com a comunidade, a ser empreendedor, a buscar a felicidade própria e a daqueles que o cercam, é levá-lo a ter orgulho de si e de seu grupo social. Educar com o intuito de construir uma identidade é mostrar ao outro que ser flexível é fundamental, pois é necessário estar aberto a aprender sempre, a absorver novos conhecimentos, a aperfeiçoar-se e a inovar. Só uma educação baseada nestes princípios, ou seja, que visa à construção de um indivíduo consciente de quem ele realmente é, liberta.

Quando se pensa sobre a necessidade de uma alfabetização que liberte, é preciso, antes de tudo, pensar em quem será o condutor desse processo, quem será este educador. Apenas um indivíduo muito comprometido e consciente de seu papel conseguirá ensinar a leitura da palavra de forma que esta leve a uma busca permanente da leitura do mundo.

A linha que separa um educador ciente de sua responsabilidade social daquele que se alimenta de ideais ingenuamente utópicos é muito tênue. Não se deve esquecer de que o educador se constrói na utopia do possível; contudo, ele não pode se deixar levar apenas por uma visão romântica da educação. É preciso um comprometimento ético deste educador diante do aluno e da (re)construção do mundo.

Alfabetizar é, sobretudo, desenvolver um ser crítico. Assim, para tanto, só alfabetiza bem, só emancipa o seu aluno, aquele que consegue, antes de tudo, ser crítico consigo mesmo, entender seus limites e, o mais difícil, reconhecer-se como alguém que não é dono do saber; pois este se (re)constrói a cada instante.

Educar é trocar experiências e algumas virtudes são primordiais para aquele que se diz um educador, um alfabetizador. É preciso comprometimento ético, coerência, consistência de atitudes e disponibilidade para aceitar o outro. Na realidade, é no exemplo, é no testemunho diário da assunção da decência, que reside a maior qualidade de quem busca ensinar. É nesse sentido que se pode incorporar como valor a utopia do possível, ou seja, a experiência e a ação

podem, sim, *fazer toda a diferença* na construção de um mundo mais justo, porque está centrada no predomínio da ética.

Não se pode, simplesmente, ignorar a real situação do educador nos dias atuais. A falta de tempo e o grande número de turmas são alguns dos fatores que mais prejudicam seu comprometimento com a alfabetização emancipadora. Sem tempo para refletir sobre sua própria condição de sujeito transformador, o educador é conduzido pelo sistema social dominante a se reduzir a um mero agente técnico, destinado a reproduzir modelos e nunca produzir cultura. É neste momento, quando o educador se deixa levar pelo sistema, que ele se despersonaliza - o que, em última instância, constitui-se em uma perda de identidade.

Com efeito, enquanto houver lucidez, é possível olhar em torno e dentro de si, é possível refletir. E refletir é transgredir o senso comum, ir além. É preciso desconstruir para, então, (re)construir. Não há a dúvida de que este processo de crescimento se faz com algum sofrimento e muitas escolhas, pois o ser humano é frágil e sua dimensão é finita. Nem todo educador que sonhou, conseguiu por em prática seus ideais, mas para conseguir é preciso sonhar. Consciente desta empreitada, deve o educador convidar o aluno a assumir uma postura crítica diante da vida, uma atitude individual comprometida com o coletivo; no entanto, para isso não é necessário fazer nada espetacular, mas que o mínimo seja o máximo que ele possa realizar na construção e no encontro de sua identidade. Que o aluno saia dos bancos escolares tendo, na leitura da palavra, a sua principal arma para entender e transformar o seu mundo.

ABSTRACT

Considering the concept of identity by Stuart Hall and Kanavillil Rajagopalan and the philosophy of Paulo Freire, this essay intends to present how important is the educator's action on building the pupils identity by means of reading the words and the world. On it remarks the appropriation of the identity as a way to improve any citizen who desire to be autonomous on his own world.

Keywords: empowerment literacy, identity, reading the words and the world.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. 8ed. São Paulo: Editora Cortez, 1981.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 11.ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- COSERIU, Eugenio. *O homem e a sua linguagem*. Rio de Janeiro, São Paulo: Presença/Edusp. s/d.
- FREIRE, Paulo. *Cartas à Guiné-Bissau – registros de uma experiência em processo* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- FREIRE, Paulo e MACEDO, Donaldo. *Alfabetização: leitura da palavra leitura do mundo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- HALL, Stuart. *Quem precisa de identidade?*. In: SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LUFT, Lya. *Perdas e Ganhos*. 25ed. São Paulo: Record, 2004.
- PANDIT. P. B. *Linguistics and sociology*. Amsterdã: North-Holland Publishing Co, 1975.
- RAJAGOPALAN, K. *O conceito de identidade em Lingüística: é chegada a hora de uma reconsideração radical*. In: BRITO, Regina Helena Pires e MARTINS, ML. *Considerações em torno da relação entre língua e pertença identitária no contexto lusófono*. **Anuário Internacional de Comunicação Lusófona**. São Paulo/Lisboa. Lusucom, 2004.